

SANGREM OS PORCOS,
DEPENEM OS FRANGOS

*Sangrem os porcos,
depenem os frangos*

Ivandro Menezes



*Todos vocês, tal como eu,
fazem parte da grande matilha de pervertidos.*

Roberto Menezes

Sumário

- 9 No princípio
- 13 Felizes para sempre
- 17 Calango
- 21 Frágeis tentativas de alcançar o ar
- 27 Jacarés banguelas não assobiam canções de amor
- 31 Não passa esse batom vermelho
- 33 Canção
- 35 Três meia zero
- 39 Para vidas simples não se erguem mausoléus
- 43 Rebelião
- 47 Manequim
- 51 Fogo Santo
- 55 Já te disse que mamãe era sádica?
- 59 Topo Gigio
- 63 O homem faz o que é preciso

No princípio

I 1 No princípio só havia o vazio. 2 Nele deus habitava em toda a sua plenitude. 3 A escuridão se espalhava por sobre a terra, 4 e nada existia entre as trevas e o abismo. 5 O espírito de deus pairava sobre o abismo, 6 vigiando, em silêncio, a velha serpente. 7 Deus disse, haja luz, e a luz veio a existir. 8 Separou os luzeiros. Dia e noite surgiu. 9 Deus disse, haja animais, e os animais vieram a existir. 10 Separou-os espécie por espécie, dando a cada um conforme o seu instinto. 11 Os animais habitaram terras, céus, rios e mares. 12 Deus disse, haja plantas, árvores e montanhas, e plantas, árvores e montanhas vieram a existir. 13 Todas as coisas que vieram à existência, viu deus que eram boas. 14 Vendo deus que estava sozinho, resolveu criar o homem. 15 Então, tomando um punhado do pó da terra, moldou o homem à sua imagem e semelhança. 16 Soprou em suas narinas e alma vivente se fez. 17 Vendo deus que era boa a obra de suas mãos, ordenou ao homem que nomeasse os animais, as plantas, os rios e todas as coisas existentes.

2 1 O homem nomeou todos os seres viventes, 2 mas seu coração encheu-se de tristeza, pois viu que estava só. 3 Na viração do dia, deus veio ao encontro do homem. 3 Vendo deus a aflição no coração do homem, disse-lhe: Dize-me o que te aflige. 4 Respondeu o homem a deus: Vês, de cada espécie macho e fêmea os fizestes, 5 exceto ao homem. 6 A ti é justo que o homem viva só? 7 Então, um sono profundo abateu-se sobre o homem. 8 Retirou-lhe deus uma de suas costelas. 9 Da costela do homem foi feita a mulher, 10 não de seus pés para que não lhe fosse inferior, 11 ou da cabeça para não lhe fosse superior, 12 mas da costela para que esteja sempre a seu lado e lhe sirva por auxiliadora. 13 Ao despertar, viu o homem a mulher, e alegrou-se. 14 Viu deus que era boa a obra de suas mãos. 15 Ao homem e a mulher, ordenou deus: Crescei e multiplicai-vos, povoai a terra que vos dou por herança. E subjugo a vossos pés. 16 Tudo podes fazer, 17 porém, não comerás do fruto da árvore no centro do jardim, a árvore do conhecimento do bem e do mal, 18 porque eu, o teu deus, vos proíbo.

3 1 O homem e a mulher multiplicaram-se sobre a terra. 2 Como era numerosa a sua prole, deus ordenou seu cuidado aos anjos. 3 Um dos anjos, a velha serpente lançada ao fundo do abismo, odiava o homem. 4 Ela corrompeu uma quinta parte dos anjos do céu, 5 que semearam a ambição no coração do homem. 6 Homens e mulheres inflamaram-se em suas paixões, 7 fazendo o que era torpe aos olhos de deus, que em sua mansidão e benignidade, tardava em irar-se.

4 1 Houve entre eles um pequeno grupo que resolveu roubar frutas. 2 Fartavam-se com goiabas, mangas, bananas, pitombas e carambolas. 3 Pouco ou nada restava aos demais. 4 Os filhos do homem começaram a murmurar. 5 Inclinou-se deus para os ouvir. 6 Na viração do dia, veio deus ao encontro do homem. 7 Dize-me, pois, o que vos aflige? 8 Respondeu o homem a deus: Há entre nós quem nos roube todas as goiabas, mangas, bananas, pitombas e carambolas. 9 Na manhã seguinte, deus, em sua benignidade, fez com que novos frutos brotassem. 10 Ninguém haveria de passar fome. 11 Os homens continuaram a murmurar. 12 Na viração do dia, veio deus ao encontro do homem. 13 Dize-me, por que ainda murmuram os teus filhos? Não vos dei o bastante? 14 Disse o homem a deus: A ti é justo que comam tanto quanto nós aqueles que transgrediram a tua lei? 15 Então, deus ordenou aos anjos trazerem os transgressores à sua presença. 16 Para que aos homens faça-se justiça, ordeno-lhes que os açoitem. E assim foi feito. 17 Porém, os homens ainda murmuravam. 18 Na viração do dia, veio deus ao encontro do homem. 18 Disse o homem a deus: Dize-me, ó deus, a ti é justo o açoite daqueles que nos fizeram perecer em escassez e fome? Melhor seria que nos abatesse e aos transgressores de tua lei preservasse a vida. 19 Então, deus, na presença de seus anjos, ordenou: Traze os transgressores à minha presença e arranque-lhes as mãos. 20 Depois, sejam eles acorrentados à beira do abismo, em que escondi a antiga serpente. 21 Porém, os homens ainda murmuravam. 22 Na viração do dia, veio deus ao encontro do homem. 23 Dize-me, pois, o que vos ainda aflige o coração? Não sou eu, o teu deus, justo? 24 Disse o homem a deus: Sim, tu és

a justiça. Contudo, é certo que a tua justiça poupe a vida aos transgressores da tua lei? Zombas de nós os justos, que observamos os teus mandamentos. 25 Disse-lhe deus: Ante a dureza de vossos corações, ordeno aos meus anjos que sejam os transgressores lançados aos dentes do Leviatã. 26 Os homens, enfim, celebraram a deus por finalmente ter-lhes feito justiça.

Felizes para sempre

Adelaide procura redenção em algum canto entre a brancura das nuvens e o azul celeste. Os xingamentos ficam cada vez mais distantes. O mundo oscila entre consciência e inconsciência. É acertada por mais um chute nas costelas. O corpo todo é uma só dor. Tosse e cospe sangue.

Já não espera que alguém a salve. Os heróis só existem nas histórias que o pai lia quando era criança. Príncipes loiros de olhos azuis como os seus, montados em corcéis, de espada em punho a enfrentar dragões e vilões pelo direito de arrebatam o coração das donzelas para, após um beijo, viverem felizes para sempre. Adelaide sonhava com o “felizes para sempre”. A vida só lhe trouxe um ou outro vagabundo, um simulacro de amor justificado pelo sexo, pela vontade sempre definida pelos homens como mera necessidade.

Experimentou o amor como mau agouro, espécie de chave-mestra a abrir as portas de sua vida a qualquer um que lhe fizesse elogio. Queria apenas levá-la a um motel, matagal ou a qualquer outro lugar.

A certa altura, cansou dos homens, passou a preferir meninos. Estes têm fome, vontade de descobrir e, principalmente, escassez de recursos. Não fazem escolha pela melhor ou mais bonita, mais cheirosa ou mais arrumada.

Embarcam na primeira transa fácil que aparece pela frente. Ensiná-los-ia a amar. Sentia-se “educadora de mancebos”, como gostava de dizer. Tinha a erudição necessária ao jogo da sedução. Chamá-los mancebos a fazia parecer distante da mulher iletrada que teve de abandonar a escola aos quinze anos. Toda humilhação na vida é suportável, né, meu amor? Mas ser taxada de burra e ignorante... só a cruz de Cristo!

Os mancebos achegavam-se a ela para fazerem-se homens. Ela os tratava com carinho, provocando sensações inéditas e, de modo didático, ensinava-lhes como e onde tocar uma mulher. Foi a primeira vez de muitos deles.

Levou algum tempo para que percebesse que não se ensina homens a amar. Um daqueles mancebos a seguiu por quase quatro quarteirões implorando sexo. Tinha entre catorze e quinze anos, o único virgem entre os colegas. Ela cedeu e, na falta de lugar, escondeu-se entre as rodas de um caminhão estacionado numa rua pouca movimentada. Não durou mais que três minutos e o garoto, foi embora, peito estufado e cabeça erguida. Adelaide achou-se humilhada. Compreendeu que pior que ser chamada de burra, era ser realmente burra. Decidiu que não mais amaria homem algum.

Voltava da feira, quando quatro rapazes se aproximaram, as conversas de sempre. Seguiu ignorando-lhes. Ao passarem ao lado de um terreno baldio, um deles tenta puxá-la pelo braço. Sentiu algo atingir-lhe a cabeça. Olhou para baixo e viu uma pedra embebida no próprio sangue. Levou a mão à têmpora esquerda e percebeu a ferida. Ficou tonta e caiu. Um deles a puxou pelo pé, arrastando-a até o terreno baldio. Tentou gritar, mas foi atingida por um pontapé no maxilar.

Dois deles seguraram seus braços, outros dois as pernas. Lutou sem sucesso. Arrancaram suas roupas. Grita, uma mordida no peito. Ela resistiu, mas, após dominada, foi sodomizada – um após o outro, vez após vez, em meio a xingamentos e humilhações.

Perguntou o mal que lhes fizera. Eles sorriam, chutavam, cuspiam. Em vão, tentava se proteger com os braços. O estalo. A dor se espalha por todo o corpo.

Os dentes pintados de vermelho foram atingidos por uma pedra. Os olhos azuis buscavam, em algum recanto do céu, socorro e misericórdia. Tudo parecia ficar mais e mais distante. Adelaide percebia a morte se aproximar.

Não conseguia organizar os pensamentos. Sede. Na boca, o gosto ferroso do sangue. Zombeteiros, urinaram nela. Um deles cogitou defecar em sua boca.

Traveco de merda!, escutou pouco antes de morrer.

